

LIMA, Diana N. de Oliveira. *Sujeitos e objetos do sucesso: Antropologia do Brasil emergente*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. 242 páginas.

Eduardo DULLO

Qual a extensão e a profundidade do nosso conhecimento, analítico e empírico, sobre as camadas superiores da sociedade brasileira? As tão afamadas “elites” nacionais foram minimamente pesquisadas pelas Ciências Sociais para que possamos corroborar impunemente as diversas críticas (e, quiçá, os elogios) que vemos encaminhadas a elas pelos meios de comunicação de massa em nosso cotidiano? Não que o livro de Diana Lima, originalmente sua tese de doutoramento em Antropologia Social no Museu Nacional/UFRJ, tenha a pretensão de oferecer um posicionamento sócio-político a respeito de nossas elites, mas demonstra com suficiente clareza a importância de aventurarmo-nos com boas pesquisas empíricas por esta seara tão pouco explorada.

Primeiro volume de uma nova coleção (do Núcleo de Cultura e Economia – NUCEC – locado no PPGAS do Museu Nacional), sua proposta direciona-se para uma compreensão dos aspectos simbólicos da materialidade em nosso sistema capitalista, observando o entrelaçamento de alguns objetos e as trajetórias de sujeitos de “sucesso:” os da “Nova Sociedade Emergente” carioca, ou, os “emergentes” da Barra (da Tijuca).

Ao delinear seu recorte empírico/etnográfico na tensão existente entre os padrões de gosto e de consumo desta Nova Sociedade Emergente com os da Sociedade Tradicional do Rio de Janeiro, a autora ganha em rentabilidade teórica: a posição de “elite” – que, conforme é explicitado em sua Introdução, é dimensionada a partir de categorias nativas que os associam diretamente ao nível econômico e mobilização de renda – não é mais algo homogêneo e indivisível, um grupamento sólido e rígido, reificado e substancializado, mas é percebido em suas nuances e conflitos constitutivos. A tensão mencionada opera, neste sentido, como uma estratégia etnográfica que a permitiu observar o pluralismo interno (os segmentos, normalmente descritos no singular) a esta camada.

Conflituosa, a relação entre os padrões de gosto é colocada a partir do pólo da elite estabelecida; pois é nela (e para ela) que surge o problema da “falta de gosto” desses “emergentes” – “o mais interessante e certo é que os ‘emergentes’ não estão interessados nesse ‘gosto’ (...) O ‘gosto’ também não orienta a forma como os

‘emergentes’ com eles [os bens materiais] lida ou como, na interação com os objetos, ele elabora sua subjetividade e objetifica o mundo social.” (p.141) Porém, se o questionamento conflituoso advém dos estabelecidos, é junto aos “outsiders” que a autora trabalha, para perceber o quanto este jogo faz parte dos próprios mecanismos de definição do que é ou pode ser uma elite e, não menos que isso, de como esta definição está submetida a uma importante transformação desde meados dos anos 1990. Se a elite tradicional primava pelo *bom gosto*, por sua estratégia de distinção hierárquica, por uma sólida formação educacional, pela discricção elegante; a elite que cresce e se multiplica no Brasil contemporâneo não faz uso das mesmas estratégias, nem visa o mesmo ideal. “Como representam e são representados, na década de 1990, esses sujeitos do ‘sucesso’ (econômico), nativos de uma sociedade eternamente à espera do desenvolvimento?” (p.198)

Separada, assim, tão polarmente, entre um padrão de (bom) gosto e outro de *falta* de gosto, as descrições poderiam ser chamadas de simplistas e caricatas. Diana Lima tem o cuidado e nos permite a satisfação de verificar com dados provenientes de sua pesquisa de campo como o contraste não se mantém tão facilmente. Diversas pessoas da suposta elite bem formada no padrão de gosto erudito e estabelecido demonstram seu desinteresse por este universo (que alardeiam como de referência) e movimentam-se por diversos circuitos comuns aos “emergentes.” Não é possível dizer que eles agem e pensam do *mesmo* modo; afinal, os primeiros ainda consideram (embora poucos realizem essa idéia) por algum momento ver uma ópera no Municipal, enquanto esta possibilidade desaparece quando se trata dos últimos. A preferência final, de ambos – que fique bem claro, aliás –, é pelo musical da Broadway e não pela ópera ou pela Orquestra Sinfônica.

Não obstante a verificação da permeabilidade das fronteiras entre estes dois segmentos de elite, a autora prossegue sua pesquisa a partir das estratégias de produção e recepção de colunas sociais em jornais cariocas (como *O Globo* e *Jornal do Brasil*) e em revistas especializadas em colunismo social (como *Caras* ou *IstoÉ Gente*), a existência de quatro principais agrupamentos: uma, que condena a glorificação do consumo; outra, que recusa a exposição da interioridade das pessoas em meios de comunicação e está decepcionada com a não realização das transformações sociais rumo a uma nação mais igualitária; uma terceira, positivamente receptiva ao *glamour system* (“sistema discursivo de elogio ao ‘sucesso’.” p.231) elaborado nestas revistas, composta por jovens educados de acordo com a importância da formação (*Bildung*) e que

vislumbram na acumulação de capital uma importante complementaridade a este universo cultural; e, por fim, “há um quarto grupo, integrado pelos filhos e netos de famílias recém-enriquecidas, que – novidade histórica, como verifiquei na etnografia – perpetua através das gerações a lógica do trabalho e do acúmulo financeiro e mantém total afinidade com o universo da ‘emergência’.” (p. 210-211)

As possibilidades deste novo cenário foram comentadas em seu segundo capítulo: “Mobilidade e ascensão individual nas sociedades modernas,” no qual a autora faz uma recapitulação dos ideais de igualdade que permearam as sociedades modernas ocidentais e que permitiram a figura social do *emergente*: aquele que sai de uma camada social e “sobe na vida.” A argumentação ganha em capacidade heurística quando se aproxima do nosso período histórico; nos anos 1980 e 1990, a figura dos *yuppies* (*young urban professionals* – jovens profissionais urbanos) coexiste, nos Estados Unidos, com o governo Reagan e Thatcher (na Inglaterra) de desmantelamento do Estado de Bem-Estar social e promovedores do *empreendedorismo* que caracteriza o mercado de trabalho no período neoliberal. O que a autora demonstra, e é uma importante tese, é a posição destes “emergentes” brasileiros (e etnograficamente cariocas) como realização neste cenário de promoção dos valores de um outro formato de sujeito e individualismo; em sua pesquisa, vemos com clareza que, para essa camada da população, não é apenas o trabalho duro que faz de um sujeito bem sucedido... Não é com o ascetismo que existe a “afinidade eletiva,” como no caso analisado por Weber, mas com uma ética do “consumo conspícuo:” a afinidade é entre os objetos e os sujeitos de sucesso, como explicita a autora no título.

Por fim, podemos observar a riqueza do trabalho em sua pouca observância das fronteiras disciplinares: embora o livro seja oriundo de uma tese em Antropologia Social, seus temas (como a circulação de bens via consumo, mobilidade social, construção de padrões de gosto distintivos, presença e impacto de aspectos midiáticos; entre outros tantos) são de grande alcance para a Sociologia como um todo (e, não por acaso, a autora ocupa uma posição no departamento de Sociologia do IUPERJ). Uma contribuição como esta nos deixa sempre esperançosos de que novas pesquisas venham auxiliar a equilibrar a balança de referências tão desigual entre os pobres e os endinheirados no Brasil.

Eduardo Dullo

PPGAS Museu Nacional - UFRJ

Mestre (Museu Nacional, 2008)

Doutorando, bolsista CAPES

E-mail: edudullo@hotmail.com

Recebido em 08/02/2010

Aceito para publicação em 01/03/2010